

JOÃO WANDERLEY GERALDI: O PESQUISADOR LINGUISTA, PROFESSOR FORMADOR E SINGULAR LEITOR BRASILEIRO DE BAKHTIN E SEU CÍRCULO DE ESTUDOS

Fabiana Giovani*
Moacir Lopes de Camargos**

Resumo: O objetivo deste artigo é homenagear e refletir sobre o nosso encontro com João Wanderley Geraldi, o pesquisador linguista, professor formador e singular leitor de Bakhtin e seu Círculo de estudos. Escolhemos falar dos encontros que tivemos com o autor em suas atividades de pesquisa e de ensino ao longo dos anos de militância e, em especial, durante a disciplina Linguística V, cursada na Unicamp no ano de 2005. Das mediações com Geraldi sobre os estudos da linguagem, escolhemos partilhar a nossa compreensão sobre gêneros do discurso – envolvendo a vida e a educação – que se unem em torno desta construção. Por fim, mostramos como este conhecimento nos orienta a manter em diálogo a relação indissociável entre língua e literatura por meio de um poema de Manoel de Barros, poeta que nos foi apresentado também por Geraldi.

Palavras-chave: João Wanderley Geraldi; encontro; estudos bakhtinianos; gêneros do discurso.

JOÃO WANDERLEY GERALDI: THE LINGUIST RESEARCHER, TRAINING TEACHER AND UNIQUE BRAZILIAN READER OF BAKHTIN AND HIS STUDY CIRCLE

Abstract: This article aims to honor and discuss our meeting with João Wanderley Geraldi, the linguist researcher, teacher trainer and unique reader of Bakhtin and his Study circle. Our subject matter in this paper is the meetings we held with the author in his research and teaching activities throughout his years of activism, and in specially during the Linguistics V program taken at Unicamp in 2005. From mediations with Geraldi on language studies, we chose to share our understanding of speech genres – involving life and education – that converge around this construction. Finally, we show how this knowledge guides us to maintain the inseparable relationship between language and literature in dialogue through a poem by Manoel de Barros, a poet who was also introduced to us by Geraldi.

Keywords: João Wanderley Geraldi; Bakhtinian studies; meeting; speech genres.

O espelho, são muitos. E ainda que devolvam, bons ou maus, favorecendo ou detraindo, imagens que vemos, resta a pergunta: como somos, no visível? Somente o outro pode dizer e os outros são nossos espelhos muitos, mas nas relações com eles é preciso estar aberto à diferença para que o praticamente imudado se torne mudado (Geraldi, 2003).

Dos encontros

Escolhemos, em nossa homenagem a João Wanderley Geraldi, falar sobre os encontros. Como ponto de partida, contextualizamos o principal deles: uma disciplina que cursamos juntos, sob a sua mediação, intitulada “Linguística V”ⁱ, ofertada pela Pós-graduação em Linguística do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), Unicamp, no segundo semestre do ano de 2005. Consideramos esse o principal encontro porque foi ali que, interessados nos estudos de linguagem, pudemos conhecer, verdadeiramente, o linguista professorⁱⁱ que nos formava, a partir de uma leitura singular de Bakhtin e seu Círculo de estudos. O encontro plantou sementes que desde aquele tempo e espaço específico têm crescido e florescido em nossas contrapalavras no curso da vida, seja pessoal, seja acadêmica, além de ocupar um papel de destaque nos cursos de formadores de professores de linguagem nos quais atuamos.

Antes de prosseguirmos com os frutos - compreensões - deste encontro, é preciso mencionar um importante encontro anterior. Este aconteceu nos idos da década de 70, em uma feira do livro no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp, quando um grupo de estudantes de mestrado se deparou com uma obra muito importante para o desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem: “El signo ideológico y la filosofía del lenguaje”. Dentre os estudantes, estava Geraldiⁱⁱⁱ que explicita ter tido influência naquela que seria a primeira tradução brasileira dessa obra, sob o título “Marxismo e filosofia da linguagem”. Em suas palavras:

[...] estava entre os que indicaram o livro para o [Carlos] Vogt, que o acolheu na coleção da Hucitec. Ele nos deu um curso sobre o livro. Quando aluno do mestrado, em 1976, conversei sobre o livro com ele. Ele já conhecia o livro e, em 1977, deu o curso. Lemos o livro juntos, e ele o incluiu como primeiro volume da coleção que dirige na Hucitec (Geraldi, 2014, p. 201).

De acordo com Giovani e Souza (2020), esse livro teve uma influência importante na concepção de interlocução que imperou nos cursos de formação, por meio de um projeto liderado não só por Geraldi, mas por outros professores

universitários da época. Tratava-se, então, de uma reflexão que veio à tona em textos esparsos e que, ideologicamente, trazia inovação na forma de se conceber a linguagem, bem como a própria noção de educação. Foi este encontro que permitiu a Geraldi enxergar e até mesmo desenhar um caminho diferente do que vinha sendo trilhado até aquele momento, agora à luz da perspectiva bakhtiniana. Nas palavras de Ilari, Geraldi encontrou,

[...] uma concepção de linguagem que levava a uma prática pedagógica radicalmente nova. Tratava-se de entender a língua como uma entidade dialógica, e, por conseguinte, de entender todo o trabalho a ser feito em sala de aula como um diálogo a ser feito com e sobre textos. Essa orientação opunha-se frontalmente ao tipo de ensino que identifica o conhecimento de língua materna com o conhecimento da nomenclatura gramatical, obrigava a pensar a redação e a leitura como atividades complementares, necessariamente ligadas à realidade do aluno, e retirava à palavra e à sua grafia o papel de objeto central do ensino de língua (Ilari, 2014, p. 224).

Geraldi, através de uma postura coerente com os princípios que acredita e defende, tem, ao longo dos anos, apostado em uma compreensão singular de linguagem^{iv}, advinda de uma leitura também singular das obras de Bakhtin e seu Círculo de estudos^v. Diferente de uma concepção tradicional de linguagem, que prioriza a língua como sendo a expressão do pensamento, e de uma concepção estruturalista, em que a língua é um código (emissor-mensagem-receptor), Geraldi, ancorado nas reflexões de Bakhtin, nos mostra que:

A linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistem à fala (Geraldi, 2004, p. 41).

Ao deslocarmos nosso olhar para essa nova maneira de conceber a língua(gem), não estabelecendo uma dicotomia entre língua e fala, como propôs a concepção estruturalista saussuriana, temos uma nova possibilidade de pensar os textos e os sujeitos que produzem e leem estes textos, sobretudo os professores de língua e literatura^{vi}. Ao conceber a língua(gem) como interação e

mostrar a sua relevância para o ensino, Geraldi nos chama a atenção para olharmos as relações dos sujeitos que produzem os textos, o que implica em uma nova forma de ensinar que vai muito além das repetições de exercícios estruturais nas aulas de línguas. Enfim, essas reflexões sobre a linguagem é o que nos tem proporcionado muitas aprendizagens. É sobre elas que falaremos nas próximas seções.

1 Das aprendizagens do ser cientista da linguagem com Geraldi, Bakhtin e seu Círculo de estudos

A imersão de Geraldi na teoria bakhtiniana exige uma postura diferenciada no mundo científico. Segundo o autor, há diferentes objetivos quando nos propomos a estudar uma teoria, um autor ou uma obra. Uma possibilidade seria extrair categorias a serem aplicadas na análise de novos fenômenos, caso em que o estudo teria por função definir formas de aplicação do já sabido sobre o não sabido e, sobre este, desvendar sentidos. A outra seria estudar a teoria, autor e/ou obra para tentar desvendar as suas formas de raciocínio na construção analítica e elaboração de conceitos para aprender e apreender modos de olhar para os fenômenos, neste caso, sem a preocupação em aplicar os resultados obtidos nos estudos próprios que fazemos, seja para criar as próprias compreensões de novos fenômenos ou para dar nova compreensão aos velhos.

A segunda forma de olhar nos conduz a questionar até que ponto as pesquisas realizadas nas instituições acadêmicas estão, de fato, voltadas para encontrar soluções para os problemas enfrentados no cotidiano que dizem respeito aos modos de vida individuais e coletivos. Nesse sentido, é coerente com a proposta de Geraldi a argumentação de Freitas, Souza e Kramer (2003) ao afirmarem que é preciso que as ciências humanas rompam com a produção do conhecimento fabricado e tido como padrão e optem por um caminho que denuncie a repetição mecânica de certos procedimentos teórico-metodológicos. Ainda, segundo as autoras, com a nova perspectiva não se está abrindo mão do compromisso com o rigor científico, mas, ao contrário, conquistando um rigor e uma autenticidade nos resultados científicos que se definem de outra maneira.

Aprendemos com Geraldi que o Círculo de Bakhtin fez percursos analíticos de obras e autores específicos, debruçando-se sobre todos os campos da atividade humana, porém, manteve, muitas vezes, diálogo polêmico com a sua época. Além disso, elaborou categorias analíticas muito potentes, sem deixar-nos um corrimão definido a seguir. Na singular interpretação geraldiana,

Certamente porque, apostando no grande tempo, imaginavam seu trabalho como fonte de inspiração e não como definição de um modo de fazer análise dos fenômenos humanos (que para eles sempre se materializam em enunciados concretos - textos - porque estudamos um ser que fala com outros) (Geraldi, 2016, p. 34).

O Geraldi, pesquisador linguista, professor formador e leitor de Bakhtin nos ensina que o gesto epistemológico mais radical do Círculo é o de ressaltar a singularidade e apostar na possibilidade de estudos de realidades únicas e irrepetíveis, dando a estes estudos o objetivo de estabelecer os liames entre estas realidades concretas e o mundo da cultura, onde estas realidades humanas ganham múltiplos sentidos.

Os criadores – os iniciadores de novas correntes ideológicas – nunca sentem necessidade de formalizar sistematicamente. A sistematização aparece quando nos sentimos sob a dominação de um pensamento autoritário aceito como tal. É preciso que a época de criatividade acabe; só aí é que então começa a sistematização-formalização; é o trabalho dos herdeiros e dos epígonos dominados pela palavra alheia que parou de ressoar. A orientação da corrente em evolução nunca pode ser formalizada e sistematizada (Bakhtin/Volóchinov¹, 2006, p. 104).

É sob este viés que selecionamos expandir a compreensão de gêneros do discurso como um dos pilares da teoria bakhtiniana que mais aprendemos a compreender pela mediação de Geraldi, desde o encontro na disciplina cursada, já mencionada anteriormente.

¹ Reconhecemos a publicação da obra “Marxismo e Filosofia da linguagem” (2017), traduzido por Sheyla Grillo, cuja autoria foi atribuída especificamente a Valentim Volóchinov. No entanto, em nossa reflexão, optamos por considerar a obra de 2006 que lemos na íntegra com o professor Wanderley.

3 Da compreensão da linguagem como atividade constitutiva: os gêneros do discurso

A aprendizagem que merece destaque sob as lentes de Geraldi é a da linguagem, enquanto atividade constitutiva, materializada pelos gêneros do discurso. Ao partir da perspectiva de Humboldt que vê a linguagem como uma atividade constitutiva, Bakhtin e o Círculo vão além ao compreenderem que a atividade de linguagem é também o lugar da constituição das subjetividades, das consciências individuais, que se alimentam dos signos utilizados na comunicação social. Desse modo, os sujeitos não adquirem a sua língua materna e sim, por meio dela, têm o despertar da consciência e a palavra assume a centralidade desse processo. Nas palavras de Bakhtin (Volóchinov),

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (Bakhtin/Volóchinov, 2006, p. 199).

O nascimento social da palavra - e as especificidades próprias dos campos de emprego comum e referencial da linguagem - tem sua gênese nas diferentes esferas da comunicação social em que os discursos são produzidos. Na compreensão de Geraldi (2011), este é o lugar do nascedouro dos diferentes gêneros do discurso. É a reflexão sobre estes que merece destaque, uma vez que, historicamente, até então, tínhamos a referência a gêneros dedicada à literatura para representar o lírico, o épico e o poético. Essa classificação aristotélica que se consolidou, não considera o dinamismo da prosa e sua importância para os estudos literários. A literatura^{vii}, enquanto parte integrante da cultura, revela as potencialidades da linguagem. Por esse motivo, Bakhtin deu especial destaque aos gêneros prosaicos, sobretudo ao romance, pelo fato de este mostrar os discursos em suas formas mais autênticas. Conforme explica Machado (2005):

Diferentemente dos gêneros poéticos, marcados pela fixidez, hierarquia e até uma certa noção de purismo, os gêneros da prosa são, sobretudo, contaminações de formas pluralísticas:

paródia, estilização, linguagem carnalizada, heteroglossia – eis as características fundamentais a partir das quais os gêneros prosaicos se organizam. Tal variedade e mobilidade discursivas promoveram a emergência da prosa e o conseqüente processo de prosificação da cultura. Para Bakhtin, quando se olha o mundo pela ótica da prosa, toda a cultura se prosifica. A prosa está tanto na voz, na poesia, quanto na *littera* (palavra) (Machado, 2005, p. 153).

A questão é que a cada vez que um conceito migra de uma área para outra, ele é re-significado e ganha, na maioria das vezes, uma identidade própria e que sempre lança questionamentos, neste caso, como “gêneros para quem?”, “a serviço de quem?”, “a partir de qual viés teórico?”, “sob que concepção de língua ou linguagem?” (Giovani e Souza, 2017).

Bakhtin e o Círculo instauram um outro sentido para gêneros - agora, discursivos - ligando-os aos tipos relativamente estáveis de enunciados, de modo que, quanto mais uma sociedade se torna complexa, mais vai construindo esferas de comunicação social que vão selecionando entre os gêneros e sobre os gêneros existentes, modificando-os e especializando suas formas mais próprias de uso da linguagem. Nas palavras de Geraldi:

Os gêneros discursivos (artísticos, científicos, religiosos, jornalísticos etc.) estão estreitamente vinculados a suas esferas sociais. Como estas se modificam no tempo e no espaço, também os gêneros que lhes são próprios não são estanques e sequer podem ser agrupados num conjunto fechado. Além disso, as esferas da comunicação social existem dentro de um todo mais amplo, a organização social. E nesta há inter-relações e cruzamentos. Em conseqüência, também os gêneros discursivos se deixam atravessar por outros gêneros. Não é por acaso que no texto que Bakhtin dedica à questão, ele distinga apenas gêneros primários de gêneros secundários. Não porque desconheça a gama existente em cada um destes tipos básicos, mas porque quer mostrar que a gênese de um gênero no interior de uma esfera específica é resultado de processos que entrecruzam outros gêneros para formá-lo (Geraldi, 2016, p. 59).

Ao distinguir os gêneros primários dos secundários, é fundamental atentarmos para o fato de que aqueles surgem em uma esfera de comunicação mais simples, imediata, como uma conversa telefônica, por exemplo. Já os

secundários se formam em uma esfera de comunicação mais complexa, como por exemplo, uma resenha de um livro. No entanto, como enfatiza Geraldi, no excerto acima, o mais importante ao compreendermos as reflexões bakhtinianas sobre os gêneros (primários/secundários), é o fato de estes estarem em constante diálogo e não configurar uma busca por uma classificação das partes de cada gênero existente para, em seguida, saber como usá-los. Quando usamos os gêneros para nos comunicar, eles também se renovam porque existe sempre um diálogo com um outro que também se comunica comigo em meu projeto de dizer.

Com Geraldi, aprendemos que gêneros primários e secundários são essencialmente categorias processuais e não ontológicas. Isso quer dizer que um nasce a partir do outro e ambos estão inter-relacionados, não podendo ser vistos de pontos de vista estanques. Desse modo, podemos afirmar que compreendê-los sob essa ótica, implica considerar que é necessário que a natureza do enunciado seja descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades. Nas palavras de Bakhtin:

Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja, dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (Bakhtin, 2000, p. 282).

A compreensão ativa da obra de Bakhtin e o Círculo feita por Geraldi nos ensina que o gênero do discurso não pode ser isolado da vida social (as esferas de comunicação) e não se deve ignorar a sua instabilidade, ou seja, a sua não fixidez, uma vez que as relações intergenéricas se sobrepõem à fixidez pretendida por cada esfera, para se fazer identificar sem ambivalências, sem

contrastes, sem conflitos. Como a palavra, também os gêneros dos discursos refletem - e refratam - as mais sensíveis variações do mundo social.

É com o autor também que (re)conhecemos o fato de que a obra de Bakhtin e o Círculo encontrou lugar fértil na área da educação escolar, sendo a questão dos gêneros do discurso um dos elementos de maior destaque, especialmente, após a introdução dessa ideia como objeto de ensino, a partir de documentos oficiais como, por exemplo, os PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e, recentemente, a BNCC, Base Nacional Comum Curricular (2018). Assim, as referências ao texto de Bakhtin fazem crer que o pensamento bakhtiniano está na escola e nas salas de aula de língua materna. A questão é problemática, uma vez que,

Essa entrada não é tão simples quanto parece. Infelizmente, o que ainda se vê por aí é uma compreensão limitada da teoria na qual há uma sequência didática^{viii} sobre determinado gênero discursivo, desconsiderando suas características temáticas, composicionais e estilísticas e, o que é pior, tirando-o de sua esfera real de comunicação (Giovani e Reyes, 2019, p. 140, nota nossa).

É Geraldi que nos ajuda na compreensão dos gêneros de Bakhtin (2003) e nos faz crer que o sujeito - ao produzir textos, em todas as esferas de atividade humana, e em especial na educação escolar - não está imbuído a devolver o que a escola, muitas vezes no papel do professor, espera^{ix}. Dessa forma, a nossa tentativa é sair da ingenuidade, como se o sujeito não circulasse por práticas sociais envolvendo linguagem e, portanto, “texto” antes de sua experiência escolar. O próprio autor apresenta crítica sobre essa situação:

É uma aposta de que os sujeitos sociais são incapazes de aprender gêneros discursivos pelo convívio com eles ao transitarem pelas diferentes esferas da comunicação social. Já vi livros didáticos que gastam cinco páginas para explicar o gênero “receita” para concluir no final que uma receita sempre está dividida em duas partes: os ingredientes e o modo de fazer! É muito investimento para saber o óbvio. Agora, o uso do formato “receita” para fazer um poema e os sentidos destes cruzamentos não fazem parte das ‘sequências didáticas’ (Geraldi, 2016, p. 04).

O mínimo esperado com a abordagem dos gêneros do discurso na escola é que, num trabalho com a linguagem, fosse executado através dos processos discursivos, justamente por percorrer um *continuum* de objetivos que vão desde a necessidade de construir uma compreensão comum e aproximadamente 'idêntica' até a abertura máxima dos sentidos. Dessa forma, uma abordagem bakhtiniana com os gêneros do discurso contribuiria para a formação de um sujeito com autonomia que, na relação educativa, compartilhasse com o outro - professor e demais participantes - uma relação de alteridade.

Considerar o gênero discursivo, portanto, o texto, como objeto de ensino significa, de posse da palavra como signo ideológico, proporcionar o direito para todos - principalmente, aos de classes desprivilegiadas - dizer a sua palavra, uma vez que é no texto que a língua - objetivo de estudos - se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva, constituída no próprio processo de enunciação, marcada pela temporalidade e suas dimensões. Nesse sentido, há uma diferença marcante entre produzir textos *para* escola e *na* escola. Conforme argumenta Britto (2004), a escola não pode se restringir ao papel de grande interlocutor dos estudantes. O papel do interlocutor está sempre interferindo no discurso do locutor, uma vez que a linguagem é o lugar da interação humana. É justamente por meio dela que o sujeito que produz textos age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam ao texto (oral e/ou escrito).

Partir da premissa de que os gêneros do discurso pautem as interações - seja na escola, seja fora dela -, implica reconhecer que a diversidade e riqueza dos gêneros são infinitas e suas possibilidades de criação e mudança estão diretamente ligadas ao desenvolvimento e heterogeneidade da atividade humana. Como aprendemos com Geraldi:

Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação e uma concepção de educação, esta nos conduz a uma mudança de atitude - enquanto professores - ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agirmos como reais parceiros:

concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando etc. (Geraldi, 2004, p. 128).

Desde o primeiro momento em que lemos Geraldi e que se reforçou em nosso convívio, é impossível não pensar no compromisso político que temos enquanto professores. Este excerto acima resume parte do engajamento e responsabilidade, ou seja, um compromisso ético, estético e epistemológico com a nossa palavra e a palavra do outro que devemos escutar. E, no nosso caso, professores de língua e literatura, jamais devemos esquecer que a nossa tarefa diária exige a prática constante do exercício de escuta.

4 Dos (re)encontros

Após 19 anos de nosso encontro com Geraldi, na disciplina Linguística V, e às vésperas do aniversário de quarenta anos da coletânea “O texto na sala de aula”, cujas vozes foram orquestradas por ele, nos desafiamos, nesta reflexão, ao tematizar o nosso encontro, fazer uma homenagem ao pesquisador linguista, professor formador e singular leitor brasileiro de Bakhtin e seu Círculo de estudos, que tanto nos ensinou e com quem tanto aprendemos. E hoje, enquanto docentes que formam professores, continuamos a utilizar as reflexões, estudos, pesquisas de Geraldi, com futuros docentes, pesquisadores e estudiosos de Bakhtin e seu Círculo. Neste caminho que seguimos, percebemos a atualidade de suas palavras que permanecem vivas em nós e são extremamente relevantes, no que diz respeito à vida e à sala de aula, como já dissemos acima e enfatizamos aqui.

Fizemos um mergulho com profundidade na compreensão construída junto a Geraldi, este que consideramos um militante nos estudos de Bakhtin – e, portanto, de linguagem - sobre os gêneros do discurso, mas ressaltamos que ao submergir das águas, tivemos o necessário afastamento para valorizar outra aprendizagem que Geraldi nos deixa: a indissociabilidade de língua e literatura, advinda do pensamento bakhtiniano, o que merece, sem dúvida, um longo artigo^x. Essa não separação se dá, pelo fato de que a literatura, acredita Bakhtin, materializa e potencializa os diferentes discursos da vida. E como memória,

trazemos o contato com Manoel de Barros, autor - assim como tantos outros nomes da literatura - que também nos foi apresentado por Geraldi:

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
— Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.
Ele fez um limpamento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...
E se riu.
Você não é de bugre? — ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas —
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncos maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática (Barros, 1993, p. 87).

Parafraseando o poema acima, afirmamos que Geraldi foi o nosso preceptor; ele sabia que *ouvíamos a cor dos passarinhos^{xi}*, que *gostávamos mais dos vazios do que dos cheios* e que *éramos ligados em despropósitos^{xii}*. Assim, nos ensinou que devíamos pegar outros caminhos para a nossa jornada de professores, pesquisadores e leitores de Bakhtin e seu Círculo. Ele fez um limpamento em nossos receios de jovens professores para que pudéssemos buscar, sem medo, o trabalho com o texto, com a leitura e a escrita, a fim de encontrar a beleza dos recursos expressivos da língua. Enfim, trazendo novamente Manoel de Barros, Geraldi nos mostrou que *O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo* (Barros, 2016).

Por fim, Geraldi, ao investir na língua e na literatura alçada nos gêneros do discurso, portanto, na vida, nos mostrou que talvez sejamos apanhadores de desperdícios que, como poetisa Manoel de Barros,

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios (Barros, 2016).

Notas

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/UFSC) e ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Líder do GEBAP (Grupo de estudos bakhtinianos do Pampa) e do NEPALP/UFSC (Núcleo de estudos e pesquisas em Alfabetização e Ensino de Língua Portuguesa). Pesquisadora do NELA/UFSC (Núcleo de estudos em Linguística Aplicada) e do GRUPA/UNESP (Grupo de estudos de alfabetização do Brasil).
E-mail: fabiana.giovani@ufsc.br.

** Doutor em Linguística pela UNICAMP – Universidade Estadual Paulista. Professor do Curso de Letras (Línguas Adicionais) da UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS.
Integrante do GEBAP (Grupo de estudos bakhtinianos do Pampa) e pesquisador do NEPALP/UFSC (Núcleo de estudos e pesquisas em Alfabetização e Ensino de Língua Portuguesa).

ⁱÉ importante ressaltar que Geraldi ofertava suas disciplinas no horário noturno, o que facilitava a participação de todos os interessados, sobretudo, professores de escolas públicas. Esta, em especial, foi a última disciplina ministrada por Geraldi, antes de sua aposentadoria.

ⁱⁱ Fazemos questão de reforçar o papel que o professor Geraldi ocupa, verdadeiramente, na academia. Nem todos os linguistas são inclinados ao papel fundamental que é o de ensinar e, principalmente, aprender na interação em uma sala de aula. Conhecíamos o Geraldi por meio

do livro *O texto na sala de aula* (2004), que utilizamos em nossas experiências, com o ensino de língua portuguesa.

ⁱⁱⁱ Passaremos a referir ao nosso homenageado apenas pelo sobrenome.

^{iv} Outros pesquisadores passam a considerar esta noção de linguagem. Citamos Travaglia (1996), na obra “Gramática e interação” e Koch (2003), na obra “a inter-ação pela linguagem”.

^v Do título do texto, destacamos o adjetivo “brasileiro”. Temos acompanhado diferentes caminhadas de interpretação da obra de Bakhtin e seu Círculo de estudos, construídas por pesquisadores no Brasil. Geraldi é um deles.

^{vi} As reflexões de Geraldi, a partir dessa concepção de linguagem ancorada em Bakhtin está no livro *O texto na sala de aula* (1984, a primeira edição), discutindo o trabalho centrado nos textos, nas aulas de língua e continua em suas publicações posteriores (1993, 1997, 2010).

^{vii} Não consideramos a literatura como um gênero, mas sim uma disciplina que engloba vários gêneros, como o romance, o conto, crônica etc.

^{viii} Sequência didática é um termo cunhado por estudiosos de Bakhtin, situados na Suíça francófona. Trata-se, portanto, de outra compreensão singular da obra dos estudiosos russos. A respeito, ver Dolz e Schneuwly, 2004.

^{ix} A este respeito, ler Brito na coletânea *O texto na sala de aula* (2004).

^x Em uma de suas publicações mais recentes, intitulada *Ler é amar outras vidas: possíveis, existentes, imagináveis e inimagináveis* (2019), Geraldi comenta obras de alguns escritores e nos mostra as impressões e aprendizagens que ele teve com a leitura literária.

^{xi} Referência ao poema VII do livro das ignoranças, de Manoel de Barros (1993).

^{xii} Referência ao poema O menino que carregava água na peneira, de Manoel de Barros (2016).

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Buenos Aires: Gradifco, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLÓCHINOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. Hucitec: São Paulo, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular [BNCC]**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. “Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. SP: Ática, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREITAS, Maria Tereza; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo, Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Ler livros é amar outras vidas: possíveis, impossíveis, imagináveis, inimagináveis**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2019.

GERALDI, João Wanderley. Perspectivas críticas dos estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

GERALDI, João Wanderley. Alfabetização e letramento: perguntas de um alfabetizado que lê. In: ZACCUR, Edwiges (org.). **Alfabetização e letramento. O que muda quando muda o nome?** Rio de Janeiro: Rovel, 2011, p.13-32.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 3ed. São Paulo: Ática, 2004.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Tereza; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. (org.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo, Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. O professor como leitor do texto do aluno. In: MARTINS, M. H. **Questões de linguagem**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1993.

GIOVANI, Fabiana; REYES, Cláudia Raimundo. Bakhtin e educação: entre teorias e práticas. **Revista E-escrita**. V. 10, n. 2, 2019.

GIOVANI, Fabiana; SOUZA, Nathan Bastos de. **Bakhtin e a Educação: a ética, a estética e a cognição**. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

GIOVANI, Fabiana; SOUZA, Nathan Bastos de. De professor para professor: o “Projeto do Wanderley”, interlocução e militância. **Letra Magna**, Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 16- n.25. 1º semestre 2020.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 13, n. 25, jan./jun. 2024
<https://doi.org/10.33871/22386084.2024.13.25.434-449>

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p.151-166.

ILARI, Rodolfo. Posfácio. In: SILVA, Lilian Lopes Martins da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). **O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa**. 1. ed. Campinas, Autores Associados, 2014, p. 223-227

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. C. **Gramática e interação: uma proposta para ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

VOLÓCHINOV, Valentim. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad., notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.